 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 034. Estudos etnográficos no mundo dos psicoativos

Edward John Baptista das Neves MacRae (Universidade Federal da Bahia) - Coordenador/a, Regina de Paula Medeiros (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais) - Coordenador/a

Nos ?ltimos anos, o campo do estudo do uso de subst?ncias psicoativas, at? recentemente apan?gio quase exclusivo dos estudos em sa?de ou direito, vem tamb?m se desenvolvendo de forma muito r?pida na antropologia. A nova, mas n?o in?dita, aten??o dada aos seus aspectos culturais traz uma s?rie de implica?es te?ricas, metodol?gicas, pol?ticas e ?ticas. Destacam-se a? conflitos entre abordagens te?ricas baseadas no interacionismo simb?lico e as norteadas pela teoria ator-rede e as quest?es metodol?gicas relacionadas a uma maior ou menor participa??o nas pr?ticas pesquisadas e na milit?ncia de diferentes movimentos sociais. Surgem diversas indaga?es. Pode/ deve o pesquisador usar subst?ncias psicoativas em campo junto com seus interlocutores? Qual o lugar da autoetnografia? Tampouco podem ser deixadas de fora quest?es ?ticas relacionadas ao estudo de popula?es com pr?ticas il?citas ou socialmente estigmatizadas. Que prote??o se oferece aos sujeitos da pesquisa? E aos pesquisadores? Pensando nestas, prop?e-se um grupo de trabalho para refletir sobre instrumentos metodol?gicos-te?ricos- ?ticos que possibilitam a compreens?o dos contextos sociais onde pesquisadores investigam distintas pr?ticas de uso de psicoativos, sejam eles l?dicos, espirituais ou terap?uticos possam trazer ? discuss?o os v?rios dilemas encontrados em seus estudos.

Controvérsias sobre a comoditização do Santo Daime na diáspora mundial da ayahuasca

Autoria: Glauber Loures de Assis, Beatriz Cauiby Labate

Esta apresentação aborda as controvérsias em torno da comoditização do Santo Daime. A expansão global do Santo Daime é marcada por um processo fragmentado e pouco institucionalizado, onde as comunidade daimistas adotam diferentes estilos de manutenção de sua vida religiosa. A partir de nossa experiência de campo no Brasil, USA e Europa, fornecemos um relato etnográfico sobre variados modelos de organização das congregações daimistas ao redor do mundo. Categorizamos e analisamos suas políticas e estratégias de sobrevivência, incluindo: meios de acesso à ayahuasca (seja importando-a do Brasil ou de outro país, ou produzindo-a através do ritual do feitio); mensalidades e taxas de contribuição para participação nas cerimônias religiosas (tanto de membros filiados como de visitantes); o modus operandi das assim chamadas ?comitivas? (grupos de experts brasileiros que viajam mundo afora periodicamente); o espaço litúrgico dos works religiosos (casa de membros da comunidade, salões alugados ou espaços privados construídos estritamente para tal). Argumentamos que há uma grande variação no interior da religião do Santo Daime, onde alguns grupos se estruturam no intuito de formarem comunidades auto-sustentáveis, enquanto outros se orientam para um modelo mais comercial e um formato de workshop. Exploramos aqui as controvérsias que existem dentro desse campo, como: o mito de origem do Mestre Irneu como curador que não pode ser pago; os primeiros seguidores do P. Sebastião que se opunham a institucionalização do CEFLURIS; os contrastes presentes nas interpretações da ayahuasca enquanto um sacramento ou com uma mercadoria. Observamos criticamente a visão ortodoxa que opõe religião a dinheiro, bem como as perspetivas nativas que falham em reconhecer os aspetos problemáticos no movimento de transformação do Daime e da expertise religiosa daimista em produtos a serem comercializados. Para tanto, levamos em conta tanto a necessidade de grupos amazônicos ribeirinhos e marginalizados em criar meios de vida alternativos, como também os impactos que o processo de comoditização do Santo Daime pode produzir no interior dessa religião.

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**